

A sociedade autofágica



Por **OLGARIA MATOS***

Considerações sobre o livro recém-editado de Anselm Jappe

A sociedade autofágica é um livro especial, não apenas pela rigorosa erudição nas questões do sujeito moderno, mas por que o faz reunindo fetichismo e narcisismo, Marx a Freud, autores marxistas clássicos aos hererodoxos, os frankfurtianos Adorno e Horkheimer aos neofreudianos, como Marcuse e Eric Fromm, com o que nos auxilia na inteligibilidade da mutação civilizacional do presente.

Trata-se de um livro “para além”. Para além de *Para o além do princípio de prazer* e para além da teoria marxiana do valor. “Para além” no sentido de uma interpretação própria da tradição dos Manifestos, o *Manifesto à Preguiça*, o *Manifesto Oulipo*, o *Manifesto Surrealista*, analisados por Anselm Jappe, como também o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels. Não por acaso essa filiação se completa ao final do livro em suas “teses”, novas “Teses sobre Feuerbach”. Manifesto em sentido etimológico e político: etimológico – tomar firmemente à mão, em que nada é pressuposto ou implícito, pois é elaborada a genealogia do mal-estar contemporâneo, do capitalismo e da natureza anárquica do mercado mundial. Político: com suas análises Anselm Jappe reinventa uma forma de contestação e intervenção intelectual e prática.

O autor desenvolve seu pensamento tendo por eixo as ideias de valor no âmbito do trabalho abstrato e do sujeito narcisista, encerrado em seu próprio “Eu”, sem contato com a exterioridade e a alteridade e, assim, esvaziado de seu estatuto racionalista e seu ideário emancipatório. Associados fetichismo e narcisismo, instaura-se a cultura do excesso e do deslimite – na violência, terrorismos, uso de drogas, esportes radicais –, com o fim da cultura letrada, a *Weltliteratur* de um Goethe e do goetheano Marx, que ainda mantinha sua natureza de barreira contra a barbárie.

O empobrecimento cultural e os avanços da automação no trabalho, a proletarianização do operário e a destituído de seus saberes, as novas mídias e tecnologias são, por sua independentização crescente do controle humano, o novo espectro que ronda não apenas a Europa, mas o planeta, unificado por elas. Ampliando também as análises de Max Weber e Georg Simmel, o autor indica os processos de intelectualização, formalização e racionalização da vida individual e coletiva, abrangendo a esfera pública, privada e a da intimidade.

Eis por que o momento fundacional do sujeito cartesiano, o “penso, logo existo” já revela, mostra Anselm Jappe, um ideal de emancipação comprometido com a alienação, pois uma coisa é pensar, outra é existir. Não se trata, porém, de revolucionar o sujeito no sentido teórico ou das revoluções históricas – da transformação do sujeito e do mundo, mas de mudar a vida. O capitalismo do crescimento pelo crescimento, da inovação pela inovação vai para o futuro como o anjo da história de Klee nas reflexões de Walter Benjamin: é empurrado para o futuro de costas, para o qual vai às cegas.

Este livro constitui uma nova “dialética do esclarecimento”. Não por acaso, *Capitalismo autofágico* começa pela referência ao mito de Erisícton, figuração da violência, do desejo ilimitado, pelo que é punido pela deusa Deméter que lhe impõe uma fome insaciável, e quanto mais alimentado, mais faminto. Essa bulemia, mostra Anselm Jappe, é constitutiva do capitalismo que desconhece medida e interditos, o que é proibido e o consentido, o totem e o tabu. O mito de Erisícton desempenha o papel de uma máxima, contendo uma sabedoria exemplar, trazendo consigo um conselho, um “ensinamento” fundado em conceitos.

Se os filósofos como Platão e Aristóteles criticam a mitologia, não é pelo fato do mito ser fantasioso e, assim desvalorizado e sem importância para o conhecimento e para a existência; ao contrário, consideravam que a mitologia continuava sendo

a grande fonte de compreensão do sentido das coisas, devendo ser lidos alegoricamente e não em sua literalidade. Assim Chronos devorador de seus filhos, destruidor do que ele mesmo gera, que dá vida e depois destrói, é o tempo. Razão pela qual Erisícton é o herói da excedência, da pleonexia da contemporaneidade, da sexualidade alienada, do niilismo.

Com o mito, Anselm Jappe redimensiona o pensamento de Aristóteles – que julgava a poesia mais verdadeira e superior à história – pois esta trata do que aconteceu, e a poesia do que é possível acontecer, como também o de Heródoto que, historiador, faz a crônica só do que passou, o historiador oferece uma série de dados, mas não se preocupa com o central da experiência humana.

Por isso, o mito de Erisícton revistado por Anselm Jappe vai desdobrando seus sentidos, expondo as disfunções que o capitalismo narcísico e autofágico cria e das quais necessita, como o fim da autoridade, da família, dos valores comuns compartilhados, das diferenciações substituídas pelo relativismo das diferenças particulares. Como no *Manifesto comunista*, neste livro os conceitos são “palavras de combate”.

***Olgaria Matos** é professora titular de filosofia na Unifesp. Autora, entre outros livros, de *Palíndromos filosóficos: entre mito e história* (Unifesp).

Referência

Anselm Jappe. *A sociedade autofágica: capitalismo, desmesura e autodestruição*. São Paulo, Elefante, 2021, 336 págs.